

Editorial

Esse número dos Cadernos Nietzsche traz um dossiê sobre a música.

Em carta enviada a seu amigo e músico Heinrich Köselitz (Peter Gast), em 1888, Nietzsche tornou célebre a afirmação segundo a qual “a vida sem a música seria um erro”. Além de ter aprendido tocar piano no ambiente familiar e de ter feito incursões no universo da composição, Nietzsche atribuiu à música um lugar de destaque no seu pensamento. Tanto é que, no seu primeiro livro, reflete sobre a música e a obra de Wagner, e, nos seus últimos escritos, faz, em contraposição, um acerto de contas com o compositor de *Parsifal*. Nessa direção, se *O nascimento da tragédia* revela a importância da música na filosofia nascente de Nietzsche, *O caso Wagner*, um de seus últimos escritos, variando os temas iniciais, bem mostra a permanência da música em seu pensamento como questão filosófica de primeira grandeza.

Dada a importância da temática, os *Cadernos Nietzsche* trazem sete artigos que revelam a pluralidade com que o filósofo aborda a arte sonora ao longo de seus escritos. A despeito de Wagner ser sempre um interlocutor privilegiado e um tema constante, há todo um conjunto de questões postas por Nietzsche que ampliam nossa compreensão do fenômeno musical, haja vista as múltiplas perspectivas a partir das quais o aborda - metafísica, histórica, musicológica, cultural, política, dentre outras -, que esse dossiê pretende trazer a público.

Em “Nietzsche, Wagner e a decadência”, Andreas Urs Sommer defende a importância do binômio Wagner/*décadence* para compreender a face disruptivo-negativa da crítica de Nietzsche à modernidade estética, assim como uma possível aplicação pontual da “transvaloração dos valores”. Fernando Barros, em “A *wagneriana*”, investiga o caráter do discurso nietzschiano a respeito do

feminino – a um só tempo libertador e masculinista – para depois compará-lo com elementos do drama musical wagneriano, mostrando que, a despeito de certos prejuízos esposados pelo filósofo alemão, o filósofo não pode aceitar a lógica dualista que preside o sistema sexista de significações, revelando-se, em suas análises estético-musicais, um confiável e atento aliado no combate aos preconceitos morais.

Em “Canção popular e música dionisíaca em Nietzsche”, Márcio Lima analisa a relação inicial entre a música popular grega e as celebrações dionisíacas, tanto da perspectiva musicológica quanto metafísica, para defender que, a partir da autocrítica de Nietzsche às suas ideias iniciais, é possível reconsiderar a visão do filósofo sobre a canção popular e sua importância para a música para assim pensar essa mesma relação da perspectiva da música do século XX e sua utilização da linguagem folclórica. Stefano Busellato, em “*Zaratustra versus Parsifal*”, analisa a importância da ópera *Parsifal* para a escrita do livro *Assim falou Zaratustra*, algo que até agora tem escapado aos intérpretes. O autor propõe, portanto, mostrar o conjunto de relações que aproximam as duas obras e o contexto que as possibilitou.

Maria João Mayer Branco, em “A lição da música (notas sobre Nietzsche e Rousseau)”, defende haver possíveis afinidades entre as ideias musicais de Nietzsche e Rousseau, a despeito das críticas que o filósofo alemão faz o autor de *Emílio*. A autora, sem escamotear o que separa os dois filósofos, procura esclarecer as preocupações comuns que ambos partilham acerca da cultura ocidental moderna, assim como apontar para a crise da subjetividade que essa cultura parece acarretar. Mariano Rodríguez González, em “‘Mantenha-se mediterrâneo!': Razões do entusiasmo de Nietzsche por Carmen”, assume um posicionamento contrário à visão comumente disseminada de que o elogio de Nietzsche à ópera *Carmen*, de Bizet, trata-se, em verdade, de uma estratégia discursiva e não de uma real convicção do filósofo. Apesar de tal posição estar autorizada pela própria correspondência de Nietzsche, Mariano

Rodríguez defende que tanto a música de Bizet como o mito de Carmen adquiriram um alto valor simbólico no pensamento maduro de Nietzsche, encarnando de alguma maneira a transvaloração de todos os valores nos casos concretos do gosto estético e de uma nova concepção do amor.

E, em, “Rossini, músico do futuro. Nietzsche e Peter Gast na descoberta da grande saúde rossiniana”, Dorian Astor traça a influência de Rossini sobre Nietzsche. Acompanhando os textos do filósofo em que o compositor italiano é citado, o autor mostra que essa influência foi gradativa, mas essencial. No contexto da reviravolta por que passa o pensamento de Nietzsche nos anos de 1880, ele mostra que a descoberta de Rossini terá um papel de extrema relevância, sobretudo em sua mudança da Basileia para a Itália.

A resenha desse número dos *Cadernos Nietzsche* fica a cargo de Alexander Gonçalves, que analisa o livro *Páginas da arte, páginas da vida*, de Rosa Maria Dias, uma das mais importantes pesquisadoras da filosofia de Nietzsche no Brasil. *Páginas da arte, páginas da vida* aborda, em dez capítulos, diversos autores da filosofia e das artes, como Platão, Aristóteles, Machado de Assis e o compositor Cartola, mas sobretudo se dedica ao trabalho com a filosofia nietzschiana.

* Esse número dos *Cadernos Nietzsche* tornou-se possível graças ao trabalho de muitos colaboradores, dentre eles, que aqui citamos nominalmente, André Luís Mota Itaparica, Fernando Barros e Geraldo Dias.

Ivo da Silva Júnior
Editor-Responsável